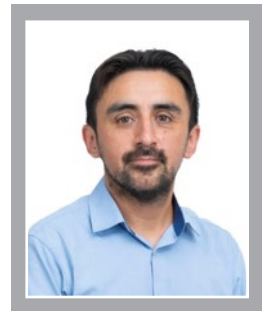

Chaves para a imaginação profética

“O momento atual de transição que vivemos globalmente em todos os níveis - sociedade, Igreja, Instituto -, precisa de pessoas que assumam com coragem sua própria liderança e se comprometam a criar em si mesmas as condições necessárias para que surja a clarividência, a intuição profética a serviço do outro”
(Ir. Emili Turú)

Álvaro Sepúlveda, fms
Psicólogo
Prov. Santa María de los Andes
Chile



Sou o Irmão Álvaro Sepúlveda, chileno, membro da Província de Santa Maria dos Andes. Atualmente trabalho como psicólogo e como presidente da fundação que administra o Colégio Marista de La Serena, no norte do país. Também colaboro com a rede de colégios maristas na área de Ecologia Integral. E, como parte do Conselho provincial, coordeno uma equipe que procura alternativas para garantir a sustentabilidade da vida e da missão na Bolívia, Peru e Chile.

Penso que estar aberto a novos horizontes e ter uma visão intuitiva do futuro é fundamental para ser fiel ao espírito de Champagnat, um homem que não tinha medo de inovar e de percorrer caminhos inexplorados. Isso fica claro no prefácio do Guia das Escolas (1853), onde o Ir. Francisco Rivat menciona, por exemplo, como o Fundador foi pioneiro na proibição dos castigos corporais nas escolas. Algo que ainda hoje é difícil de erradicar em vários países.

Ter uma imaginação profética e agir como “sentinelas da aurora” é um desafio sempre presente. A leitura deste capítulo de “Vozes Maristas” faz-me pensar em situações que me ensinaram o que significa a previsão. Como diz o Ir. Emili Turú, todos nós nascemos com a capacidade de prever e temos a possibilidade de favorecer seu desenvolvimento ou de bloqueá-lo.

Menciono sete chaves da intuição profética que aprendi e as situações que me levaram a tomar consciência delas:



1. **Manter-se ligado e comprometido com a realidade.** Aprendi isto no trabalho comunitário; vivi quase sempre em comunidades de inserção em zonas periféricas ou marginalizadas. Em setembro de 2009, o assassinato de uma criança, no meu bairro, coincidiu com o apelo do XXI Capítulo geral para “tornarmo-nos especialistas na defesa dos direitos da criança”. Então, junto com outros voluntários maristas, começamos um projeto que existe até hoje para prevenir a violência e promover a participação dos jovens. O compromisso com a realidade dolorosa obriga-nos a procurar soluções criativas e a olhar para o futuro.
2. **Abertura para o trabalho em rede.** Durante vários anos trabalhei na minha Província e no Instituto na área dos direitos humanos das crianças e na animação da solidariedade internacional. Algo muito valioso que posso levar desse tempo são as experiências de colaboração com o sistema das Nações Unidas e o fato de ter conhecido diferentes organizações e Províncias maristas. Isso me ensinou que é possível “pensar fora da caixa”, ver a mesma coisa a partir de outros pontos de vista. Que há mil maneiras de superar as dificuldades e que é possível aprender com aqueles que têm outras culturas, crenças ou maneiras de agir.
3. **Ligar-se à interioridade.** Nos últimos anos, comecei a praticar meditação, sobretudo depois de uma estada na gruta de Manresa (Catalunha). A contemplação ajuda a colocar o ego no seu lugar, algo muito necessário para evitar o risco de profetismo autorreferencial. O silêncio permite-nos escutar o nosso interior, tomar consciência das emoções, dos valores, dos comportamentos e dos preconceitos. Em última análise, ajuda a estar “aqui e agora”, contemplando como Deus atua na história, mesmo apesar de nós próprios. Uma atitude de desapego facilita o afastamento de projetos e lugares

que um dia amamos e o acolhimento com um coração melhor da novidade do que está para vir.

4. **Escutar as diferentes vozes**, promovendo a participação democrática e fraterna. No processo de perspectivas provinciais que estamos promovendo atualmente em Santa Maria dos Andes, foi muito rico conhecer a experiência de outras províncias que se colocaram questões semelhantes. Estamos também fazendo um esforço para incluir na reflexão os Irmãos e leigos mais ligados à vida e à missão. O discernimento é mais fecundo quando estamos convencidos de que a sabedoria é partilhada. E, mesmo que seja mais lento, é possível ir mais longe se avançarmos juntos.
5. Neste processo, foi também fundamental encontrar formas de ajudar a **ultrapassar a negação**. Por vezes, os fatos que refletem a realidade são tão desencorajadores e fazem-nos sentir tão vulneráveis que ativamos o mecanismo defensivo da negação. Em vez de enfrentarmos os fatos com coragem, adiamos a procura de respostas. É por isso que precisamos de acompanhar gentilmente os indivíduos e as comunidades para que olhem a realidade de frente, por mais amarga que seja. Para os ajudar a encontrar um novo significado que lhes permita assumir o controle do presente e os ligue ao futuro e à esperança.
6. **Respeitar os ritmos pessoais e comunitários**. No final dos anos 2000, começamos a promover experiências de comunidades partilhadas entre Irmãos e leigos. Em alguns casos, partilhamos “momentos” de oração, de formação, de convivência, como parte de um projeto comum. Noutros casos, optamos por viver juntos Irmãos e leigos na mesma casa, com tudo o que isso implica. Sempre estivemos convencidos de que essa interação é uma riqueza, mas foi necessário “tomar o pulso” de cada momento





para saber quando avançar e quando parar. É mesmo necessário ser suficientemente maduro para deixar morrer e fechar ciclos quando já não é possível avançar.

- 7. Aprender com os erros**, a consciência de que é sempre possível estar errado. Um dos momentos mais difíceis por que passei nos meus 26 anos de vida religiosa foi a crise que vivemos no Chile por causa das denúncias de abusos sexuais contra padres e religiosos, vários dos quais eram meus conhecidos. A constatação de que nunca fui capaz de prever ou evitar tudo o que aconteceu alerta-me para a arrogância de acreditar que posso ter razão ou ter a solução. A incerteza que advém da consciência da própria cegueira é um instrumento precioso para nos libertarmos do fanatismo messiânico.

Para concluir, gostaria de recordar a cena do livro dos Números (capítulos 13 e 14), quando Javé pede a Moisés que convoque doze chefes de Israel para explorar a terra de Canaã: “Vede como é a terra e o povo que nela habita, se é forte ou fraco, se é pouco ou numeroso... como é a terra, se é fértil ou árida, se tem árvores ou não”. Ser sentinela da aurora tem algo disso, sentir-se responsável pelo futuro dos outros, ser capaz de ir em frente, olhar o horizonte a partir do alto e dar razões para que os outros percam o medo e avancem.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it